



IDENTIDADE CULTURAL E DESCOLONIZAÇÃO EM *CIDADÃ DE SEGUNDA CLASSE*, DE BUCHI EMECHETA

Renata Batista da Silva¹

Sônia Maria Gomes Sampaio²

Henrique Pereira Galvão³

RESUMO: Este artigo objetiva analisar a identidade cultural, no processo de descolonização, presente na obra nigeriana *Cidadã de segunda classe*. O processo de migração da Nigéria para a Inglaterra inseriu a personagem Adah em diferentes contextos políticos e culturais, influenciando-a na construção da sua nova identidade. Em uma luta de superação, por meio da descolonização, pode-se observar como ela, em sua condição de sujeito subalterno, mulher e negra, vivendo em um país estrangeiro, consegue inverter valores de sua época e nos fornecer uma profícua visão das lutas sociais e culturais enfrentadas pelas mulheres nigerianas para escavar seu espaço em território estrangeiro. Para esta análise, no viés pós-colonial, utilizamos os pressupostos de teóricos pós-colonialistas como Frantz Fanon, Homi Bhabha, Stuart Hall, dentre outros.

Palavras-chave: Identidade cultural; Migração; Mulher; Estrangeiro.

CULTURAL IDENTITY AND DECOLONIZATION IN SECOND CLASS CITIZEN, BY BUCHI EMECHETA

ABSTRACT: This article aims to analyze the cultural identity, in the process of decolonization, present in the Nigerian work *Citizen of the Second Class*. The process of migration from Nigeria to England inserted the character Adah in different political and cultural contexts, influencing her in the construction of her new identity. In a struggle to overcome, through decolonization, it can be seen how she, as a subordinate subject, woman and black, living in a foreign country, manages to invert values of her time and provide us with a fruitful vision of social struggles and cultural challenges faced by Nigerian women to excavate their space in foreign territory. For this analysis, in the post-colonial bias, we used the assumptions of post-colonial theorists such as Frantz Fanon, Homi Bhabha, Stuart Hall, among others.

¹ Mestranda do Mestrado em Estudos Literários, PPGMEL, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), e-mail: renata.batista@unir.br

² Professora Doutora do Mestrado em Estudos Literários, PPGMEL, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), e-mail: soniagomesampaio@gmail.com

³ Mestrando do Mestrado em Estudos Literários, PPGMEL, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), e-mail: henriquepvhgalvao@hotmail.com

Keywords: Cultural identity; Migration; Women; Foreign.

INTRODUÇÃO

A colonização africana foi um processo que se estendeu por muitos anos e que marcou a história e o povo da África de um modo geral. Marcada por inigualável crueldade, essa intervenção nas nações africanas foi moldada por sistemas vorazes e lucros vindos da exploração, como a escravidão dos povos negros.

A Nigéria, após vários anos como colônia britânica, embora tenha declarado sua independência em 1960, sofreu e ainda sofre com as consequências da colonização, não somente em sua economia, mas em suas identidades, que foram construídas sob a influência traumática do choque entre a sua cultura tradicional e a cultura a ela imposta.

A migração, de modo especial, direcionada para a metrópole colonial, era a forma de buscar melhores condições de vida e trouxe para estes indivíduos novas experiências, pois os inseriu em diferentes contextos políticos e culturais, que acabaram por influenciar nas construções de novas identidades, questionando e discutindo as condições e as representações desse negro, enfocando o debate de experiências como o racismo e a opressão.

Neste artigo, essa temática da formação da identidade cultural e suas influências no processo migratório nigeriano, será abordada por meio da obra *Cidadã de segunda classe*, pela figura da personagem Adah. A autora, a escritora nigeriana Buchi Emecheta (1944-2017) é uma das primeiras escritoras de influência internacional da Nigéria. Buchi é comprometida em expor as agruras de sua própria realidade opressora como uma forma de repensar a si e pensar acerca dos estereótipos criados em torno da mulher africana. Suas obras tratam de temas diversos e polêmicos como a violência do colonialismo e a cultura que incentiva o enfraquecimento da autonomia da mulher negra.

I – CIDADÃ DE SEGUNDA CLASSE

O livro *Cidadã de segunda classe*, traduzido para o português por Heloisa Jahn, tendo como título original em inglês, *Second Class Citizen* (1974), é uma obra da autora nigeriana Buchi Emecheta, tendo como pano de fundo a Nigéria dos anos 60.

Nesse romance, seguimos a trajetória de Adah, nascida na cidade de Lagos, que foi a primeira capital da Nigéria independente. De origem da tribo “igbo”, desde a sua infância, a menina Adah era tratada como uma mera mercadoria. Apesar dos igbos levarem muito a sério a questão escolar, por questão cultural o direito de frequentar uma escola era dado aos meninos, no caso da personagem, ela conquistou este direito “à força”. Sua família entendia que ela não precisava frequentar por muito tempo a escola, “Um ano ou dois, e o assunto está resolvido, ela só precisa aprender a escrever o nome e a contar. Depois, vai aprender costura” (EMECHETA, 2018, p. 13).

Com a morte de seus pais, Adah passa a viver com a família do irmão mais velho de sua mãe. Por ser mulher, acaba se tornando uma espécie de escrava, sofrendo constante violência doméstica e, ainda na infância, torna-se noiva de um estudante mais velho chamado Francis. Ela casa-se com ele e por meio dos estudos consegue um emprego na Representação Diplomática Britânica, em Lagos, pelo qual era muito bem remunerada.

Adah era o arrimo da família, inclusive dos seus sogros, e concordou com a ida de seu esposo para a Inglaterra, onde mais tarde iria a ele juntar-se levando seus filhos. A elite nigeriana local tinha o sonho de estudar em Londres e retornar para ocupar os postos de liderança quando a Nigéria conquistasse sua independência, que aconteceu no ano de 1960. Ir para a Inglaterra era então algo sagrado, algo que Adah aprendeu desde criança com seu pai: “Ir ao Reino Unido era como fazer uma visita a Deus. Ou seja, o Reino Unido devia ser uma espécie de Paraíso” (EMECHETA, 2018, p. 12).

Durante a colonização africana pelas potências imperialistas europeias no século XX, o processo de assimilação da cultura do colonizador pelo povo colonizado é que ditava as relações sociais e as possibilidades gerais dos indivíduos dentro da lógica do colonialismo. Assim, não era diferente na Nigéria.

Chegando à Inglaterra, Adah encontrou uma realidade que não condizia com a Londres que lhe fora narrada desde sua infância. Um local que mantinha forte o sistema patriarcal e a opressão sobre as mulheres, fato este que Adah não tinha conhecimento, como mulher africana, negra e estrangeira.

Adah sentiu-se desprezada por seus próprios conterrâneos que habitavam Londres. Desencantando-se pelo país, ela foi se esforçando para habituar-se ao novo modo de vida, para

dominar o idioma e, sobretudo, reconstruir uma nova identidade. O que mais a deixou impactada acerca de sua imagem na Inglaterra, foi o que escutou de seu marido:

Você pode ser um milhão de vezes agente de publicidade para os americanos; pode estar ganhando um milhão de libras por dia; pode ter centenas de empregadas; pode estar vivendo como uma pessoa da elite, mas no dia em que chega à Inglaterra vira uma cidadã de segunda classe. De modo que você não pode discriminar seu próprio povo, porque todos nós somos de segunda classe”. (EMECHETA, 2018, p. 58).

Ser considerada no mesmo nível pelos seus conterrâneos nigerianos, não importando o fato de ter ou não instrução, fez com que Adah se sentisse muito deslocada e perdida. E de fato, como imigrante, ela perdeu o seu lugar, pois encontrava-se cercada de pessoas cujos costumes e comportamentos eram outros. Vivenciando isto, começou a cultivar um sentimento de desgosto para com Londres, uma Londres nua e crua, longe do ideário de qualquer sonho que ela tivera antes.

O retorno para a Nigéria não estava em seus planos, pois Adah havia apostado todas as suas esperanças de mudança de vida na Inglaterra. Esse entrave que se forma, tornando difícil o regresso do imigrante, é corroborado pelo que diz Edward Said, “há uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar” (SAID, 2003, p. 46).

Essas relações identitárias, com a migração, irão se tornar enfraquecidas pela falta de um alicerce nesta nova terra e tudo se tornará incerto, isto era o que deixava Adah fora de prumo. De acordo com Stuart Hall, esta identidade cultural é como retalhos que se entremeiam:

[...] nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. (HALL, 2006, p. 12).

Esta questão cultural, moldada pelo processo de colonização, de acordo com Frantz Fanon, forjou a relação entre a cultura do colonizador e a dos colonizados. Temos como exemplo na obra, no tocante a não aceitação da própria imagem, as mulheres nigerianas de Ibuza, que tinham hábitos como: “Tingiram o cabelo e o alisaram com pentes aquecidos para que ficasse com aspecto europeu”. (EMECHETA, 2018, p. 4). Comprova-se então esse fato com o pensamento de Fanon:

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será. No Exército colonial, e especialmente nos regimentos senegaleses de infantaria, os oficiais nativos são, antes de mais nada, intérpretes. Servem para transmitir as ordens do senhor aos seus congêneres, desfrutando por isso de uma certa honorabilidade. (FANON, 2008, p. 34)

No tocante à questão da língua, Adah enfrentou com os filhos diversas barreiras na Inglaterra. A Nigéria tendo sido governada por tanto tempo pelos ingleses não percebeu que a inteligência de seu povo era medida pela forma como a pessoa falava o inglês e isso causou efeitos terríveis em suas crianças: “Não fale comigo desse jeito. Meu papai vai me dar uma surra de cinto se eu falar iorubá. Eu não sei inglês direito. Não fale comigo”. (EMECHETA, 2018, p. 78). “Além disso, ficando em casa elas não aprendem inglês direito. É muito, muito melhor para elas serem cuidadas por uma inglesa”. (EMECHETA, 2018, p. 70).

No entendimento do escritor queniano Ngugi Wa Thiongo (1986), manter a língua do colonizador era manter o colonialismo cultural vívido, manter a mente colonizada. Isso evidencia que o moldar-se ao estilo europeu, querer ser igual ao colonizador, significa largar suas próprias tradições culturais e indubitavelmente romper com a sua língua. Conforme Ngugi, as rupturas sofridas pela questão da língua são impactantes como ele mesmo relata:

A língua através das imagens e dos símbolos nos dava uma nova visão do mundo, transportando em si própria beleza. A casa e o campo funcionavam como nosso pré-escolar; mas o que é importante para essa discussão, é que a língua dos serões, a língua da nossa comunidade, mais ampla e [mais] próxima, e a língua do nosso trabalho nos campos era uma só. Depois eu fui para a escola, a escola colonial, e toda esta harmonia foi quebrada. A língua da minha educação não era mais a língua da minha cultura [...] (WA THIONGO, 1986, p.11).

Neste bojo da questão da importância da língua do colonizado, no contexto de Adah e de seus filhos, insere-se a questão da identidade nacional. Tendo que adotar o inglês como linguagem oficial, sem alternativas, conseqüentemente tem de deixar de lado muitas tradições que estão inerentes a sua própria língua, uma forma que torna enfraquecida suas raízes e faz com que fique ainda mais dependente de um sistema que os oprime.

II – DESCOLONIZAÇÃO NA OBRA *CIDADÃ DE SEGUNDA CLASSE*

A obra *Cidadã de segunda classe* desencadeia uma representação da formação identitária da protagonista. Adah cresceu em meio a uma cultura totalmente patriarcal, onde a figura masculina tinha lugar de destaque, sendo o homem, o chefe da família, detentor de todas as decisões, conforme demonstra o conceito de patriarcado de Gerda Lerner:

Enquanto os homens institucionalizaram sua dominância na economia, na educação e na política, as mulheres eram encorajadas a se adaptar a seu status de subordinação por uma ideologia que deu à função materna um significado superior (LERNER, 2019, p. 54).

Porém, estes princípios se confundem na passagem da Nigéria para o Reino Unido, na obra. A divisão de papéis atribuídos sobre o masculino e o feminino entra em choque na escrita de Emecheta. Adah sustentava sua família, provendo todo o financeiro, pois era uma bibliotecária que ganhava um ótimo salário, trabalhava fora enquanto o marido Francis ficava em casa cuidando de seus filhos.

Como eles não quiseram entregar as crianças para adoção, optaram por essa alternativa em comum acordo. Isso não era algo típico na Inglaterra, visto que o que acontecia com as demais famílias nigerianas ao chegarem ao país, era entregarem seus filhos para adoção, mas Adah e Francis conquistaram essa espécie de privilégio:

Com efeito, para a maioria dos vizinhos nigerianos, ela estava no melhor dos mundos. Tinha um emprego de branco, embora todos ali tivessem manifestado suas críticas [...] Não aceitava entregar os filhos em adoção como os outros; em vez disso, as crianças viviam com eles, como se ela e Francis fossem cidadãos de primeira classe, como se estivessem em seu próprio país. (EMECHETA, 2018, p. 102-103)

Mesmo com esse diferencial a seu favor, havia diversas barreiras culturais impostas pela terra natal de Adah que também se faziam presentes no Reino Unido e ela tinha que lidar com o racismo, a xenofobia e a violência doméstica. Em relação a sua imagem como mulher, explica Gayatri Spivak:

É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade. (SPIVAK, 2010, p. 66-67)

Essa obscuridade feminina que perpassa o romance de Emecheta é também explicitada em seu título. Por meio da personagem, podemos compreender como estas questões relacionadas ao poder e território são necessárias para o entendimento dos entraves vividos por aqueles que deixaram o espaço da antiga colônia para habitar no espaço do colonizador. Assim, *Cidadã de segunda classe* nos mostra as agruras sociais e culturais que as mulheres nigerianas enfrentam em território estrangeiro.

Além disso, o romance nos leva à reflexão acerca da reviravolta na vida da protagonista, que passa a se compreender e se perceber como mulher. Essa saída do casulo, essa descoberta das nuances de sua subjetividade individual é desenvolvida através do abandono de convenções patriarcais que foram impostas desde sempre às mulheres.

Buchi Emecheta, além de nos levar ao tempestuoso passado colonial da Nigéria e de seus processos colonizadores, por meio da descolonização, promove com sua escrita, o rompimento desses grilhões opressores, procurando fazer emergir a voz das mulheres que foram silenciadas, assim como ela.

No espaço da escrita, o que se questiona não é somente a imagem do indivíduo, mas o lugar de onde ele promove seu discurso e de onde essas questões de identidade estão estrategicamente posicionadas. O olhar de fora carrega, em si, uma certa complexidade e os contrapontos de seu desejo de enxergar, de conseguir fixar a diferença cultural em algo que ele possa ver. De acordo com Homi Bhabha:

A questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação – isto é, ser para um Outro – implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade. (BHABHA, 2013, p. 84).

A utilização da escrita pela personagem Adah demonstra então todo o poder que ela representa, tendo em conta que a escrita era utilizada por grupos dominantes como forma de *Revista Igarapé*, Porto Velho (RO), v.14, n. 4, p. 78-86, 2021

dominação dos povos. Só quem conseguia o domínio dessa escrita por intermédio desse grupo dominante, é que conseguia de uma forma simbólica, tornar-se atuante e visível aos olhos da sociedade.

Adah conseguiu inverter valores e a sua descolonização foi um processo que implicava a retomada de valores, posturas e de inversão de posições, em miúdos, uma mudança de pensamento. Desta feita, Frantz Fanon nos diz que, na descolonização, é preciso uma mudança de situação colonial:

Sim, como se vê, fazendo-se apelo à humanidade, ao sentimento de dignidade, ao amor, à caridade, seria fácil provar ou forçar a admissão de que o negro é igual ao branco. Mas nosso objetivo é outro. O que nós queremos é ajudar o negro a se libertar do arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial. (FANON, 2008, p. 44)

Assim, *Cidadã de segunda classe* tem essa intenção de nos transmitir que a natureza da dominação da Inglaterra sobre a Nigéria conseguiu mudar apenas sua força de atuação, pois persistia, mesmo a colônia tendo conquistado sua independência, nos laços coloniais que não se desfaziam assim de forma tão simples.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cidadã de segunda classe retrata as agruras de uma mulher negra e imigrante nos anos 60 na Inglaterra. O livro mostra que a Nigéria, antiga colônia de país imperialista que se tornou independente da Grã-Bretanha, no sentido político, tinha, ainda, uma população dependente economicamente, pois sofria com escassas oportunidades de emprego e pela falta de políticas adequadas para a descolonização.

A autora Buchi Emecheta, representada por sua personagem Adah, desejou, por meio da imigração para um país desenvolvido, conseguir melhores condições de vida para si e para a sua família, pois o Reino Unido era a terra das oportunidades que todos os nigerianos sonhavam. No entanto, deparou-se com entraves proporcionados pela imigração, que eram tão grandiosos quanto os entraves vividos em sua terra natal.

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 4, p. 78-86, 2021



A obra encena um quadro de mudança, de superação, com um buscar de novas visões, proficuamente marcada por tensões entre sexo e gênero, onde essas definições culturais e de comportamento social aceitáveis na Nigéria e Inglaterra, irão se confrontar conforme os acontecimentos históricos.

Por meio de sua força e determinação, Adah nos transmite que, embora tenha conseguido a duras penas se adaptar no país que escolheu para viver, teve que fazer grandiosos esforços para que a sua identidade cultural, modificada por esses processos migratórios e de globalização, de certa forma pudesse, em alguns pontos, resistir aos percalços.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- EMECHETA, Buchi. **Cidadã de segunda classe**. Porto Alegre: Dublinense, 2018.
- FALOLA, Toyin e Heaton, Matthew M. **A History of Nigeria**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. **Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior**. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- LERNER, Gerda. **A criação do Patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.
- SAID, Edward. **Reflexões sobre exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte, UFMG, 2010.
- THIONGO'O, N. W. **Decolonizing the Mind**. The politics of language in African literature. Portsmouth: New Hampshire, 1986.